

# Sylvia Plath – Ariel

Pausa no escuro.

Depois um jorro azul impreciso  
Feito de rochedos e lonjura.

Leoa divina,  
Somos só uma,  
Eixo de joelhos e calcanhares! – O sulco

Se abre e vai adiante, ao lado  
Do arco pardo  
Do pescoço que não alcanço,

Olhos de  
Jabuticaba lançam anzóis  
Escuros –

Sombras, respingos de um sangue preto  
E espesso.  
Outra coisa

Me arrasta pelo ar –  
Pernas, cabeleira;  
O calcanhar a descamar.

Godiva  
Branca, vou me desfolhando –  
Mãos mortas, dogmas mortos.

Agora sou  
A espuma do trigo, o brilho do mar.  
O choro da criança

Derrete na parede.  
E eu sou  
A flecha,

O orvalho suicida

Que se lança pronto para um  
Mergulho dentro do

Olho vermelho, no caldeirão da manhã.

**Sylvia Plath, Poesia Reunida – Tradução, Marília Garcia**